

## Os sentidos culturais da escuta radiofônica

Pedro Luiz S. Osório\*

GRISA, Jairo Ângelo. *Os sentidos culturais da escuta: o rádio e a audiência popular*. Porto Alegre: Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999, 382p. (Dissertação de Mestrado)

Jairo Ângelo Grisa nos oferece, em sua dissertação, um útil exemplo de apreensão da realidade a partir de um esforço teórico – meta que só os bons trabalhos acadêmicos atingem. Ele investiga quais os sentidos da rádio de audiência popular para o público ouvinte. Para isto, sob a orientação da professora Nilda Jacks, examina as relações estabelecidas entre o programa radiofônico *Comando Maior*, transmitido pela Rádio Farroupilha, de Porto Alegre, e sua audiência feminina. A Rádio Farroupilha lidera a audiência local das emissoras AM; 88% dos seus ouvintes são das classes C/D/E e, deles, 64% são mulheres. Filiando-se às formulações teóricas e metodológicas de Luis Jesús Galindo Cáceres e Jorge A. González, aborda o fenômeno radiofônico sob uma perspectiva cultural, buscando análises mais abrangentes para estudá-lo. E o faz atento às múltiplas dimensões do referido fenômeno, adotando uma noção “complexa e totalizadora” de cultura.

Ancorado em tal premissa epistemológica, o autor atende também a outras indagações, referentes à mediação das atividades cotidianas através do rádio, à relação do empírico e o teórico, na comunicação, e à pertinência social da investigação teórica. Respondendo-as, divide o seu estudo em capítulos denominados “Rádio e Cultura: a conexão possível”; “Qualificando a investigação: história oral, de vida, e biografias radiofônicas”; “As narrativas e os sentidos particulares da escuta da rádio de audiência popular” e “Os possíveis sentidos culturais da escuta da rádio de audiência popular”. Com base neles, constrói um “Quadro Geral dos sentidos da escuta popular”. Neste quadro, relaciona os sentidos lúdico, afetivo, pedagógico e de ritualização, parceria, comunhão, distinção social, reconhecimento, segurança ontológica, solidariedade.

---

\* Pedro Luiz S. Osório é professor de Comunicação da UNISINOS, São Leopoldo/RS, é mestrando do PPGCOM da UFRGS

São os sentidos acima mencionados, portanto, que constituem o resultado concreto obtido pelo trabalho. Formulados pelo autor a partir de um sistema aberto de informações, de caráter exploratório, construído durante o processo de pesquisa, utilizando as técnicas de histórias oral, de vida e biografia radiofônica, tais sentidos representam categorias que podem ser de boa utilidade nos estudos de comunicação. Eles abrigam, ao que parece, como assinala o autor, as “dimensões de sensibilidade”, detectadas por Jesús Martín-Barbero, integrantes do que este teórico chamou de “mentalidade expressivo-simbólica” da audiência.

Por isto, como reconhece Grisa, muitos dos sentidos culturais revelados pela investigação talvez não possam ser definidos como exclusivos da escuta de uma emissora de audiência popular, especificamente. Esta hipotética constatação, porém, pode ampliar os méritos do trabalho, pois embora tais categorias tenham sido formuladas a partir de situações concretas de vida e de relações com o rádio, elas poderão ser pensadas em outros contextos. No que se refere especificamente ao meio rádio, a dissertação revela-o como um importante mediador das atividades cotidianas, imprimindo-lhes novas lógicas e novas formas de ações.

Com seu “Quadro Geral dos Sentidos da escuta popular”, Grisa oferece uma perspectiva de análise mais complexa no estudo do referido meio. Mostra que o sentido das escutas da rádio de audiência popular aponta para o sentido cultural do rádio. No que se refere ao passado das ouvintes, isto é, relativamente às experiências acumuladas pelas ouvintes, destacam-se os sentidos lúdicos, afetivo, de parceria, de solidariedade, de ritualização e de distinção social. Com vidas marcadas por “percalços, tragédias e adversidade profundas”, elas relacionam-se com o meio “em perspectivas diversas, que vão do alento à resolução concreta dessas situações”. Ouvindo rádio – no caso, o programa radiofônico *Comando Maior* -, as mulheres divertem-se, recolhem conselhos úteis à resolução dos seus problemas íntimos, confortam-se psicologicamente, vêem seus valores sociais promovidos. O rádio baliza seus cotidianos.

Investigadas no tempo presente, as ouvintes atribuíram ao meio os sentidos de parceria, lúdico, de comunhão, de segurança ontológica, pedagógico, de reconhecimento e de solidariedade. O rádio as acompanha no deslocamento para e no trabalho. No tempo presente, se repetem situações assemelhadas às já vividas, somadas às questões relativas ao espaço urbano, nelas estando incluídas as distâncias, a violência, a

marginalização social. Através do rádio, elas orientam-se, afirmam-se e percebem-se como seres humanos; socializam-se, conectam-se com seu habitat social.

Quanto às suas vidas futuras, as ouvintes extraem da audiência radiofônica o sentido da solidariedade, especialmente. No rádio, encontram-se com a idéia do “mundo possível”, que tanto desejam, caracterizado por saúde, emprego, moradia, fraternidade, reencontro. E, amparadas pelo meio rádio, elas teorizam sobre a vida e as relações que estabelecem. Percebem-no “através do grande viés do sentimento”. É conhecida a importância, na relação entre produtores e receptores de produtos culturais, do que “Raymond Williams chamou de “estruturas de sentimentos”, como lembra o autor. O mérito de Grisa, porém, reside na pertinência das suas formulações. Com seu trabalho, colocou à disposição dos estudiosos do rádio, especialmente, categorias que não só ampliam a compreensão conceitual das relações estabelecidas por este meio com o público, mas podem ser usadas como ferramentas eficientes para, quem sabe, redirecionar a prática radiofônica. Sua dissertação é um bom exemplo da pertinência social da investigação teórica.

## Phileas Fogg: Josué Guimarães viaja na crônica em jornal

Antonio Hohlfeldt\*

REIS, Paulo Roberto de Oliveira. *Phileas Fogg: Josué Guimarães viaja na crônica em jornal*. Porto Alegre: Programa de Pós-graduação em Letras da PUC/RS, 2000. (Dissertação de Mestrado)

Se Josué Guimarães, já falecido, é reconhecido como excelente romancista, sobretudo a partir da pretendida mas inconclusa trilogia *A ferro e fogo*, não menos reconhecida é sua atividade jornalística. Participando como repórter, redator, editor e cronista de um dos momentos mais complexos da história brasileira, as décadas de 50 a 70, Josué Guimarães jamais deixou de expressar suas opiniões e evidenciar suas posições, chegando, por isso mesmo, a ter ordem de prisão expedida contra si e obrigando-se a viver em certo momento no exílio português.

A dissertação de mestrado de Paulo Roberto de Oliveira Reis enquadra-se num conjunto de estudos que o Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS vem realizando, qual seja, a organização, catalogação e estudo dos acervos de escritores sul-rio-grandenses, dentre os quais Josué Guimarães. Neste caso, o autor estuda a produção do cronista Josué Guimarães que, sob o pseudônimo de Phileas Fogg, manteve coluna no jornal em dois diferentes momentos, os anos de 1970 a 1971, e depois em 1982. Um total de 313 crônicas foram localizadas, catalogadas e lidas, somando-se ainda outras 32 buscadas fora do acervo. Do ano de 1970 são 135 crônicas, do ano de 1971 são 157 crônicas, e de 1982 são apenas 19 crônicas, num total geral de 345 colunas assinadas, sempre no jornal Zero Hora, de Porto Alegre.

Os debates em torno da crônica enquanto gênero, são antigas. No campo da literatura, ela é, em geral, considerada um gênero menor. No campo do jornalismo, ocupa a categoria denominada jornalismo opinativo. Das crônicas medievais – relatos sucessivos e exaustivos, sem hierarquização de fatos – à crônica jornalística do final do século passado, que a partir dos folhetins dos jornais franceses, chegou também ao Brasil, passou-se um longo tempo. A partir da década de 50, o Brasil

---

\* Antonio Hohlfeldt é coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da FAMECOS/PUCRS.

alçou o gênero a uma categoria superior, tanto no jornalismo quanto na própria literatura, gozando, a partir de então, o gênero, de um conjunto variado e de alta qualificação literária de cronistas, situação que perdura ainda hoje. Para que se avalie a importância da crônica, basta lembrar que Machado de Assis tem o principal – tanto quantitativa quanto qualitativamente – de sua produção literária, neste campo, que desenvolveu ao longo de toda a sua vida literária, e através da qual se pode analisar detidamente sua evolução artística, suas preocupações e seu amadurecimento.

No caso de Phileas Fogg, ou Josué Guimarães, chama logo a atenção o pseudônimo escolhido, referente a um personagem de Julio Verne em *A volta ao mundo em 180 dias*. Portanto, Josué Guimarães-Phileas Fogg quer-se como um viajante, cujo olhar ligeiro, de passagem, abrangia diferentes temas e perspectivas, numa liberdade total de escolha de assuntos e modos de abordagem.

Segundo Paulo Roberto, Josué Guimarães foi cronista em diferentes momentos: em 1944, no *Diário de Notícias*, de Porto Alegre, sob o pseudônimo de D. Xicote, com temas de sátira política, um de seus prediletos; D. Xicote reaparece no jornal *A Hora*, nos anos 60. Em 1952, Josué Guimarães mantém crônicas no semanário carioca *Flan* e em 1954 no jornal *Última Hora* do Rio de Janeiro. Neste mesmo ano, passa a manter coluna assinada no verpestino portoalegrense *Folha da Tarde*, sob o pseudônimo de D. Camilo, ao mesmo tempo em que, no *Diário de Notícias*, ainda de Porto Alegre, firma sua coluna sob o pseudônimo de Peppone. É curiosa esta experiência porque, como se sabe, ambos os nomes são personagens dos romances de Guareschi, de enorme sucesso popular inclusive no Brasil, o que permite ao jornalista estabelecer diálogos e polêmicas consigo mesmo, de um jornal para o outro.

Em 1957, durante a reformulação do jornal carioca *Diário da Noite*, Josué Guimarães chega a assinar várias crônicas com pseudônimos diversos, preenchendo os espaços vazios do jornal. Por fim, entre 1970 e 1971, e depois em 1982, no jornal *Zero Hora*, Josué Guimarães cria a coluna "A volta ao mundo", em que desfruta de absoluta liberdade para a abordagem dos temas mais variados, da política brasileira aos boatos do *jet set* internacional.

Conta Paulo Roberto que Phileas seria nome originário do geógrafo grego Phileas, autor do livro *Périplo* (século V a.C.), depois retomado por

Júlio Verne. Assim, o batismo da coluna evidencia um intertexto criativo e sugestivo.

A série de crônicas abarca o período de 8 de junho de 1870 a maio de 1971, e depois até outubro de 1982. No início diária, a coluna torna-se tri-semanal e, em 1982, apenas dominical.

Se o personagem de Verne não era nobre, mas tinha certa distinção honorífica, assinando-se esq. – *esquire*, Josué Guimarães não se contenta com menos em relação a seu personagem: o Phileas Fogg de Guimarães é nada menos que um *sir*, o que lhe permite frequentar ambientes sofisticados e variados do *grand monde*.

A dissertação de Paulo Roberto de Oliveira Reis tem a primeira vantagem intrínseca de ter organizado, levantado e catalogado as crônicas do jornalista. Contudo, seu trabalho é incipiente quanto ao estudo destes textos. O autor se limita a analisar algumas características do personagem, tal como é apresentado por Josué Guimarães (ou se auto-apresenta, com pouquíssima modéstia, diga-se de passagem). Chega mesmo a sugerir algumas perspectivas do conjunto de textos, ora de um livre pensador e abastado dileitante, que se compraz em olhar o mundo à distância, esbanjando dinheiro e esnobando os ricos do mundo, numa espécie de *nouveau-richisme* cínico e inconseqüente, ora de um atilado observador e áspero crítico da realidade social do Brasil. No entanto, o texto se aprofunda pouco nesta análise, e neste sentido frustra, parcialmente, o leitor que esperaria melhor guia para a análise destas crônicas. Resta, agora, aguardar que a PUCRS venha a editar em volume duplo, possivelmente, o material coletado, para que o leitor possa, ele mesmo, avaliar a herança do cronista Josué Guimarães.

# MEMÓRIA

